

O RAIOS DE LUA (Gustavo Adolfo Bécquer)

Tradução e prólogo de Victoria Lunardi Bauken e Andrea Cristiane Kahmann.

Revisão da tradução: Gustavo Melo Czekster.

Gustavo Adolfo Bécquer (Sevilha, 1836 — Madri, 1870) é conhecido sobretudo por ser um poeta, apesar de seus flertes com o jornalismo, o desenho, a música, o drama e a narrativa curta como a que ora se apresenta. Vítima da tuberculose aos 34 anos, a publicação póstuma de suas obras, por esforços de amigos, concedeu-lhe a fama que não alcançara em vida. Sua desgraçada trajetória e os elementos típicos da melhor tradição romântica nutrem a sua obra de dicotomias: razão e emoção, ideia e palavra, erudito e popular, prosa e verso. Em 1857, apaixonado por arquitetura e imbuído do ideal romântico de resgatar ruínas do passado, Bécquer iniciou seu grande projeto que acabaria em fracasso: a *História dos templos da Espanha*. Em 1860, passou a integrar *El contemporáneo*, jornal de orientação conservadora no qual publicaria algumas de suas melhores lendas e relatos, inclusive este O raio de lua (*El rayo de luna*), de 1862. No mesmo período, casou-se com Casta Esteban Navarro, moça proveniente da burguesia de Sória e filha do médico do escritor. Com ela, teve três filhos, mas suspeitava da paternidade do caçula (SÁBADA, 2018).

Foi em Sória, para onde costumava viajar a fim de recobrar a saúde e apaziguar o conflituoso casamento, que Bécquer ambientou a narrativa selecionada para tradução. E, nos templos de Sória, obsessão de Bécquer, encontramos as principais dificuldades tradutórias. Se desde o princípio estávamos decididas a grafar o nome da cidade (Sória, com acento) e o do rio (Douro) segundo as regras ortográficas e a tradição legada pelos portugueses, com os templos, as escolhas foram titubeantes: a ermida de São Satúrio, por vezes, pendia para sua grafia espanhola: *ermita de San Saturio*. Foi Paulo Coelho, que nela já ambientou alguma epifania, quem contribuiu para a nossa decisão. Contudo, o mosteiro em cujas tumbas se metia o personagem Manrique acabaria grafado como *de la Peña*, e não da Penha. Com isso, pensamos evitar a sua associação com os templos mais familiares à nossa cultura: o convento da Penha, no Espírito Santo, ou o mosteiro da Penha Longa, em Sintra, Portugal. Para elidir tais associações, não descartávamos referir-mo-nos ao templo, na tradução, por seu nome completo; faltava-nos saber qual seria este. Se, a princípio, imaginávamos ser o mosteiro de San Juan de la Peña, talvez o mais famoso do Medievo, por sua vinculação ao Santo Graal e ao Caminho de Santiago, estranhávamos o fato de este localizar-se em Huesca, Aragão. Em Sória, não parecia haver mosteiro algum com semelhante designação. Para confirmá-lo, fizemos contato com diferentes órgãos de atenção ao turismo. Ana Belén Sánchez, da *Concejalía de Comercio y Turismo*, opinou tratar-se do claustro de San Juan de Duero, que também apareceria no conto *El monte de las Ánimas*, em homenagem ao qual, todos os anos,

na semana do dia dos mortos, celebra-se em Sória o *Festival de las Ánimas*²¹ com caminhadas noturnas pelos templos às margens do Douro, leitura de relatos de terror e concertos de música medieval e renascentista. Já María José Ruiz, da *Oficina de Información Turística de Soria*, respondeu-nos que, distando em torno de seiscentos metros de onde hoje se encontra a ermida de São Satúrio, e também às margens do Douro, localizava-se, antes, a ermida de San Miguel de la Peña. No mesmo *e-mail*, reproduziu-nos a nota inserida por Juan José Antequera Luengo na edição das *Leyendas* de Bécquer para a *Facediciones*: “*monasterio de la Peña: probable resultado del cruce entre el monasterio de San Juan de la Peña, en Huesca, y la ermita de San Miguel de la Peña, ésta sí construida en Soria durante el siglo XII, en el sitio donde está la actual ermita de San Saturio*”. Diante do impasse (marcado pelo “provável cruzamento” entre dois templos, como argumentara Antequera Luengo em edição deste mesmo conto para o público espanhol), decidimos não aclarar aquilo que o autor deixara obscuro e manter a grafia o mais próximo possível do texto-de-partida.

Outra importante dificuldade tradutória adveio das plantas referidas neste texto. As *campanillas blancas*, que circundam as ruínas exploradas por Manrique, parecem ser a *calystegia sepium*, trepadeiras que podem alcançar até cinco metros e cujas brancas flores, que chegam a medir seis centímetros, têm a forma de sinos. Na nossa tradução, para não romper a poeticidade do trecho com cientificismos, elas são apenas “brancos sininhos de flores”. Por sua vez, o *jaramago* (*diplotaxis*) foi transformado em dente-de-leão: uma compensação aos efeitos poéticos que, por vezes, possa a tradução ter perdido entre os escombros deste texto.

²¹ Informações disponíveis em: <<http://www.turismosoria.es/que-hacer/festival-de-las-animas/>> Acesso em: 15 jan. 2018.

O raio de lua

O texto *El rayo de luna*, considerado fonte para esta tradução, está disponível em: <<http://www.cervantesvirtual.com/obra-visor/rimas-y-leyendas--o/html/>> Acesso em: 6 out. 2017.

Eu não sei se isso é um conto que parece lenda ou uma lenda que parece conto; o que posso dizer é que existe aqui um fundo de verdade, uma verdade muito triste, da qual por acaso serei o último a me aproveitar, dadas as minhas condições de imaginação.

Outro, com essa ideia, talvez tivesse feito um volume de filosofia lacrimosa; eu escrevi esta história, pois aqueles que não nela vejam nenhum sentido ao menos poderão entreter-se um pouco.

I

Era nobre, nascera entre o estrondo das armas, e o inesperado clamor de uma trombeta de guerra não o fazia levantar a cabeça por um instante sequer ou nem mesmo afastar os olhos do escuro pergaminho no qual lia a última cantiga de um trovador.

Aqueles que desejassem encontrá-lo, não deveriam procurar no amplo pátio de seu castelo, onde os cavaleiros domavam os potros, os pajens amestravam os falcões e os soldados entretinham-se nos dias de repouso afiando o ferro de suas lanças com uma pedra.

— Onde está Manrique, onde está vosso senhor? -perguntava algumas vezes a sua mãe.

— Não sabemos — respondiam os criados -talvez esteja no claustro do mosteiro de la Peña, sentado diante de uma tumba tentando surpreender alguma palavra da conversa dos mortos, ou quem sabe na ponte, vendo correr uma atrás da outra as ondas do rio por debaixo dos seus arcos; ou talvez esteja encolhido na greta de uma rocha e entretido em contar as estrelas do céu, em seguir alguma nuvem com os olhos ou em contemplar os fogos-fátuos que cruzam como exalações sobre os feixes das lagoas. Em qualquer parte ele poderá estar, menos onde está todo mundo.

De fato, Manrique amava a solidão, e a amava de tal maneira que algumas vezes desejara não ter sombra, para que ela não o seguisse por toda a parte. Amava a solidão, pois, em seu seio, deixando soltas as rédeas da imaginação, forjava um mundo fantástico, habitado por estranhas criações, filhas de seus delírios e de suas fantasias de poeta. Sim, ele era um poeta, tanto que nunca o satisfaziam as formas nas quais pudesse colocar os seus pensamentos, e nunca os encerrara escrevendo-os.

Manrique passava as horas mortas sentado em um banco junto à alta chaminé gótica de seu lar, imóvel, os olhos fixos nas rubras brasas em que acreditava habitarem espíritos de fogo de mil cores correndo como insetos de ouro ao longo dos troncos acesos ou dançando em luminosas cirandas de faíscas no cume das chamas.

Acreditava que, no fundo das ondas dos rios, entre os musgos das fontes e sobre os vapores dos lagos, viviam mulheres misteriosas, fadas, sílfides ou ondinas, que exalavam lamentos e suspiros ou cantavam e riam no monótono sussurro da água, sussurro este que Manrique escutava em silêncio, tentando traduzir.

Nas nuvens, no ar, no fundo dos bosques, nas fendas das pedras, ele imaginava perceber formas ou escutar sons misteriosos, formas de seres sobrenaturais, palavras ininteligíveis que não conseguia compreender.

Amar! Nascera para sonhar o amor, não para senti-lo. Amava a todas as mulheres por um instante: esta porque era loura, aquela porque tinha lábios carmesim, a outra porque, ao andar, cimbrava como um junco. Algumas vezes o seu delírio o fazia passar uma noite inteira contemplando a lua que flutuava no céu entre vapores de prata ou as estrelas que tremiam ao longe como os reflexos das pedras preciosas. Naquelas longas noites de insônia poética, exclamava:

— Se é verdade, como disse o prior de la Peña, que é possível que esses pontos de luz sejam mundos; se é verdade que esse globo de nácar que roda sobre as nuvens possa ser habitado, quão belas serão as mulheres dessas regiões luminosas? E eu não poderei vê-las... não poderei amá-las? Como será a sua beleza? Como será o seu amor?

Manrique ainda não estava louco o bastante para que fosse seguido por meninos, mas o suficiente para falar e gesticular sozinho, que é por onde se começa.

II

Sobre o Douro, que passa lambendo a carcomida e escura muralha de Sória, uma ponte conectava a cidade ao antigo convento dos Templários, espalhado ao longo da margem oposta.

Na época em que se passa a história, os cavaleiros da Ordem já tinham abandonado as fortalezas, mas ainda restavam em pé largos torreões de seus muros, e se viam, como em parte são vistos até hoje, cobertos de hera e brancos sininhos de flores, os maciços arcos de seu claustro e as prolongadas galerias ogivais de seu pátio de armas, onde o vento sopra como um gemido, agitando as ervas altas.

Nas hortas e nos jardins, que há muito não recebiam as pegadas dos religiosos, a vegetação, abandonada à própria sorte, desdobrava todos os seus ornamentos sem temer a mão do homem que a mutilava acreditando embelezá-la. As trepadeiras empoleiravam-se em velhos troncos de árvores; as sombrias veredas dos álamos, cujas copas se tocavam e se confundiam entre si, estavam cobertas pela relva; os cardos selvagens e as urtigas brotavam em meio aos areados caminhos. Entre dois pedaços de construção prestes a desabar, um dente-de-leão, flutuando ao vento como a pluma sobre um capacete, apregoava a vitória da destruição e da ruína.

Era noite, uma noite de verão: cálida, repleta de perfumes e de agradáveis burburinhos, e de uma lua branca e serena na metade de um céu azul, luminoso e

transparente. Manrique, com sua imaginação aprisionada por uma vertigem de poesia, atravessou a ponte e contemplou a silhueta negra da cidade que se destacava sobre o fundo de nuvens esbranquiçadas e ligeiras enroladas no horizonte e, em seguida, ingressou nas ruínas desertas dos Templários.

A meia-noite chegava. A lua, que se levantara devagar, já se aproximava do ponto mais alto do céu quando, ao entrar em uma alameda escura que conduzia do claustro arruinado à margem do Douro, Manrique não conteve um grito leve, sufocado, mescla estranha de surpresa, temor e júbilo.

No fundo da sombria alameda, vira agitar-se uma coisa branca que flutuou por um momento e desapareceu na escuridão; era a barra das vestes de uma mulher que havia cruzado as veredas e se escondia entre as folhagens no mesmo instante em que o louco sonhador de quimeras e impossibilidades entrava nos jardins.

III

Chegou a um ponto em que seu olhar perdeu a mulher misteriosa para a espessura dos ramos. Ela desaparecera. Por onde? Ao longe, em meio aos troncos cruzados das árvores, adivinhou uma claridade ou uma forma branca que se movia.

— É ela, é ela, a dama de pés alados, fugidia como uma sombra! — Manrique apressou-se a segui-la, separando com as mãos as redes de heras que se estendiam como tapetes dependurados por entre um e outro dos álamos. Forçando a passagem entre as ervas daninhas e as plantas parasitas, alcançou uma espécie de descampado a que a claridade do céu iluminava... — Ninguém! — Mas... ah! Por ali, ela vai por ali! — exclamou — Escuto seus passos pelas folhas secas e o farfalhar das vestes a roçar os arbustos... — e corria, corria como um louco, sem enxergá-la— Ainda ouço seus passos —murmurava uma que outra vez — E eis que ouço sua voz! Não há dúvidas de que ela disse algo... O vento a suspirar por entre os ramos e as folhas, que parecem rezar em voz baixa, impediram-me de ouvir o que disse. Mas não há dúvidas de que ela anda por aí e que fala comigo... Ela fala comigo, mas... que idioma é esse? Não sei, mas parece uma língua estrangeira...

E voltou a correr em sua procura, algumas vezes acreditando vê-la, em outras, pensando ouvi-la. Ora percebia o balançar dos ramos por entre os quais ela desaparecia; ora imaginava distinguir na areia os rastros de seus pequenos pés; logo convenceu-se de que o perfume especial que de vez em quando lhe chegava às narinas era o aroma daquela mulher que brincava com ele, comprazendo-se em escapar por entre as melindrosas ervas daninhas. Que inútil afã!

Assim passaram-se as horas, e Manrique vagava de um lado a outro fora de si; às vezes parava para escutar, ou deslizava com cuidados pelo ervaçal, ou empreendia uma corrida frenética e desesperada.

Avançando, avançando por entre os imensos jardins que margeavam o rio, enfim chegou ao pé das rochas sobre as quais se eleva a ermida de São Satúrio.

— Talvez lá de cima eu consiga orientar minhas buscas através desse confuso labirinto — ponderou, escalando pedra por pedra com a ajuda de sua adaga.

Do alto, vislumbrou a cidade de Sória e uma grande parte do Douro retorcendo-se aos seus pés, arrastando sua corrente impetuosa e escura ao longo das margens que o encarceravam. Tão logo alcançou o topo das rochas, estendeu a vista ao redor, mas, ao fixá-la em certo ponto, não pode conter uma blasfêmia: a luz da lua trilhava faiscante a esteira de borbulhas deixadas por um barco que, a todo remo, dirigia-se à margem oposta. Sobre o barco, julgou ver uma forma branca e esbelta, uma mulher, sem dúvida a mulher que havia visto nos Templários, a mulher de seus sonhos, a realização de suas esperanças mais desvairadas!

Manrique despegou-se das rochas na velocidade de um cervo. Jogou fora o chapéu, pois a pena, redonda e comprida, poderia atrapalhar a corrida e, despindo a larga capa de veludo, partiu como um raio até a ponte. Pensava em atravessá-la antes que a barca tocasse o outro lado. Uma loucura! Quando chegou à entrada da ermida de São Satúrio, ofegante e coberto de suor, o barco que atravessara o Douro já alcançava Sória por uma das portas do muro que, naqueles tempos, vinha até a margem do rio em cujas águas se espelhavam as pardas ameias.

IV

Ainda que despojado da esperança de alcançar os que haviam entrado pelo postigo de São Satúrio, nem por isso nosso herói se desfez do sonho de encontrar a casa que pudesse acolher a misteriosa dama. Obcecado por essa ideia, Manrique ingressou no povoado, dirigindo-se até o bairro de San Juan, passou a vagar por suas ruas sem destino estabelecido.

As ruas de Sória eram então, e ainda são, estreitas, escuras e tortuosas. Reinava ali um silêncio profundo, interrompido às vezes por um distante latido de cachorro, ou pelo estrondo de uma porta a se fechar, ou por um cavalo a relinchar e a bater os cascos, arrastando a corrente que o prendia à manjedoura nas cocheiras subterrâneas.

Manrique seguia atento aos rumores da noite, que ora lhe pareciam os passos de alguém a dobrar a última esquina de um beco deserto, ora a algazarra confusa de transeuntes que falavam às suas costas e jamais o alcançavam. E assim perambulou, a esmo, por algumas horas.

Por fim, deteve-se ao pé de um casarão de pedra, escuro e antiquíssimo, e eis que seus olhos brilharam em indescritível expressão da alegria. Em uma das altas janelas ogivais daquilo que poderíamos chamar de palácio, via-se um raio de luz leitosa e suave que, atravessando leves cortinas de seda cor-de-rosa, fazia-se refletir no escuro e rachado paredão da casa da frente.

— É aqui que mora a minha bela desconhecida — concluiu o jovem em voz baixa, os olhos fixos na janela gótica — Ela ingressou no povoado pelo postigo de São Satúrio; dali, chega-se a esse bairro, e, nele, chego a uma casa em que, madrugada alta, ainda há gente

acordada... Quem, senão ela, a voltar de suas excursões noturnas, poderia estar desperta a tais horas? Esta só pode ser a sua casa!

Nessa firme persuasão, agitado pelas mais loucas e fantásticas imaginações, esperou a aurora em frente à janela gótica, de onde não apartou a vista nem por um momento sequer, e na qual, por toda a noite, perdurou acesa a luz.

Quando raiou o dia, as maciças portas do arco que dava entrada ao casarão, e sobre as quais se destacavam os brasões de seu dono, giraram pesadamente sobre as dobradiças, com um chiado prolongado e agudo. Um escudeiro reapareceu junto à viga da porta, um molho de chaves na mão; esfregava os olhos e mostrava, ao bocejar, um conjunto de dentes capaz de fazer inveja a um crocodilo.

Assim que o viu, Manrique atirou-se à porta e, sacudindo violentamente o braço do pobre escudeiro, perguntou afoitamente:

— Quem mora nesta casa? Como ela se chama? De onde é? Por que veio a Sória? É casada? Responde, responde, animal!

Após mirar-lhe durante alguns segundos com olhos espantados e estúpidos, o escudeiro respondeu, a voz entrecortada pela surpresa:

— Nesta casa vive o mui honrado Senhor Dom Alonso de Valdecuellos, monteiro-maior d'El-Rei Nosso Senhor, que, ferido em guerra contra os mouros, está nesta cidade recuperando-se de suas fadigas.

— Mas... e sua filha? — interrompeu Manrique, impaciente — A sua filha, ou sua irmã, ou sua esposa, ou o que quer ela seja dele...?

— Não tem mulher alguma consigo.

— Nenhuma mulher? E quem dorme ali, naqueles aposentos, nos quais por toda a noite vi arder uma luz?

— Ali? Pois ali dorme meu senhor, Dom Alonso, que, por estar enfermo, mantém acesa a luz até que amanheça.

Um raio que caísse inesperadamente a seus pés não causaria a Manrique mais espanto que essas palavras.

V

— Hei de encontrá-la, hei de encontrá-la; e, se a encontro, estou quase certo de que a reconhecerei. Reconhecerei o quê? Isso não sei dizer, mas hei de reconhecê-la pelo eco de suas pisadas ou por uma só palavra sua que volte a ouvir. Talvez por uma ponta de suas vestes... uma só pontinha que eu volte a ver será o suficiente para saber que é ela. Noite e dia estou vendo flutuar diante de mim aquela dobra de tecido diáfano e branquíssimo; noite e dia estão soando aqui dentro da minha cabeça o farfalhar de suas vestes e o rumor confuso de suas palavras ininteligíveis... O que ela disse? O que quis dizer? Ah, se eu soubesse o que falou... Mas, mesmo que eu não saiba, a encontrarei... eu a encontrarei! Meu coração o pressente, e o coração nunca me engana. É verdade que já percorri inutilmente todas as ruas

de Sória; passei noites e noites ao relento, feito um poste de esquina; gastei mais de vinte dobrões de ouro em fazer falar às senhoras e aos escudeiros; dei água benta a uma velha em San Nicolás, envolta com tamanha arte em seu manto que me pareceu uma divindade; e, ao sair da Colegiada à hora das matinas, segui como um tonto a liteira do diácono, acreditando que as barras de sua túnica eram idênticas às da minha desconhecida... Mas não importa; hei de encontrá-la, e a glória de possuí-la seguramente excederá o trabalho de buscá-la.

— Como serão seus olhos? Devem ser azuis, azuis e úmidos como o céu noturno. Gosto tanto dos olhos dessa cor... são tão expressivos, tão melancólicos, tão... Sim, não há dúvida: devem ser azuis; com certeza são azuis. E seus cabelos serão negros, muito negros e longos para que flutuem... Creio, naquela noite, tê-los visto flutuar junto ao seu traje, e eram negros... Não, não estou enganado: eram negros, sim. E que lindos ficam os olhos azuis, rasgados e adormecidos, e a cabeleira solta, escura e flutuando, a uma mulher alta... Porque ela é alta, alta e esbelta, como os anjos que ficam nos pórticos de nossas basílicas, cujos ovalados rostos envolvem em um misterioso crepúsculo as sombras de seus dosséis de granito!

— Ah, e sua voz... Quando a escutei, sua voz era suave como o rumor do vento nas folhas dos álamos, e seu caminhar tão compassado e majestoso quanto uma sinfonia cadenciada. E essa mulher, que é formosa como o meu mais belo sonho de adolescente, que pensa como eu penso, que gosta das mesmas coisas de que eu gosto, que odeia o que eu odeio, que é um espírito irmão do meu, que é o complemento do meu ser, não ficará comovida ao encontrar-me? Não me amará como eu a amarei, como eu já a amo, com todas as forças da minha vida, com todas as faculdades da minha alma?

— Vamos, vamos ao lugar onde a vi pela primeira e única vez... Quem sabe se, caprichosa como eu, amiga da solidão e do mistério, como todas as almas sonhadoras, ela se deleite em vagar entre as ruínas no silêncio da noite?

Dois meses tinham transcorrido desde que o escudeiro de Dom Alonso de Valdecuellos decepcionara ao iludido Manrique. Por dois meses, ele buscara em vão aquela mulher desconhecida, cujo amor absurdo crescia em sua alma, à mercê dos delírios mais insanos. Absorto em seus devaneios, o apaixonado jovem atravessou a ponte que conduzia aos Templários e perdeu-se nas intrincadas sendas de seus jardins.

VI

A noite estava bonita e serena, a lua brilhava em toda sua plenitude no ponto mais alto do céu, e o vento suspirava com um rumor dulcíssimo por entre as folhas das árvores.

Manrique chegou ao claustro do mosteiro e estendeu o olhar através das colunas maciças de suas arcadas: estava deserto. Saiu dali, dirigindo-se à alameda escura que conduzia ao Douro, e, nem bem ingressara nela, de seus lábios escapou um grito de júbilo. Viu flutuar por um instante — e então desaparecer — a veste branca, a veste branca da mulher de seus sonhos, da mulher que já amava enlouquecidamente.

Correu, correu em sua busca, alcançou o lugar em que a viu desaparecer, e ali se deteve. Com os espantados olhos fixos no chão, permaneceu imóvel por um tempo. Um leve tremor nervoso agitava os seus membros, um tremor que foi crescendo, crescendo, e parecia os sintomas de uma verdadeira convulsão. Explodiu, por fim, em uma gargalhada sonora, estridente e horrível. Aquela coisa branca, ligeira e flutuante voltou a reluzir diante de seus olhos, mas brilhou a seus pés por um instante e por não mais que um instante.

Era um raio de lua, um raio de lua que, em intervalos, penetrava entre a verde abóbada das árvores quando o vento movia suas ramas.

Passaram-se alguns anos. Sentado junto à chaminé gótica de seu castelo, Manrique, quase imóvel, com o olhar vago e inquieto como o de um idiota, mal prestava atenção às carícias de sua mãe e aos consolos de seus criados.

— Tu és jovem, és bonito — dizia-lhe a Mãe — por que te consomes na solidão? Por que não procuras uma mulher a quem ames, e que, amando-te, possa fazer-te feliz?

— O amor! O amor é um raio de lua — murmurava o jovem.

— Por que não despertais dessa letargia? — dizia-lhe um de seus escudeiros — Usai ferro da cabeça aos pés e alçai ao ar vosso pendão! Marchemos à guerra; na guerra, encontra-se a glória.

— A glória? A glória é um raio de lua...

— Quereis que vos declame uma cantiga? A última composta por Arnaut Daniel, o trovador provençal?

— Não! Não! — exclamou o jovem colérico, endireitando-se em seu assento — Não quero nada! Ou melhor: quero, sim: que me deixeis só! Cantigas, mulheres, glórias, felicidade... tudo é mentira! São fantasmas inúteis que formamos em nossa imaginação e vestimos a nosso gosto para amá-los e correr atrás deles. E tudo isso para quê? Para quê? Para encontrar um raio de lua...

Manrique estava louco; ao menos, era o que todo mundo pensava. A mim, ao contrário, parecia que ele enfim recuperara o juízo.

Referência (do prólogo):

SÁBADA, Soraya. Biografia de Gustavo Adolfo Bécquer. Disponível em:

<http://www.cervantesvirtual.com/portales/gustavo_adolfo_becquer/autor_biografia/>.

Acesso em: 2 jan. 2018.